

A INTERPRETAÇÃO DA JUSTIÇA DE DEUS EM ROMANOS POR LUTERO.

REAÇÃO À PALESTRA DO DR. WERNER WIESE

LUTHER'S INTERPRETATION OF THE JUSTICE OF GOD IN ROMANS.

A REACTION TO DR. WERNER WIESE'S LECTURE

GERSON JONI FISCHER¹

RESUMO

O trabalho aqui exposto é uma versão ampliada da reação à palestra do Dr. Werner Wiese, apresentada neste volume sob o mesmo título. A interpretação de Martin Lutero ao tema justiça de Deus, como exposta na carta do apóstolo Paulo aos Romanos, atingiu o centro de sua existência. É nesta perspectiva que o preletor a avaliou. O entendimento do reformador de Romanos 1.16-17 marca a sua conversão a Jesus Cristo. É preciso, evidentemente, revisitar o sentido deste termo. Muitas teologias modernas a confundiram como participação meritória na execução de uma justiça que acaba não mais sendo de Deus. Para Lutero, a justiça que decorre da fé só pode ser *de Deus*. De que maneira contextualizar o assunto sobre o qual se discorre? Antes de sua descoberta encontrada em Romanos, a justiça era aquela segundo a qual Deus é justo e castiga os injustos. Esta suscitara em Lutero ódio a Deus. Onde se manifesta este ódio hoje, considerando-se que o tema prossegue sendo um assunto existencial? O hiperindivíduo do presente situa-se entre a sua afirmação e a sua negação, entre a plenificação dos ideais humanistas e sociais modernos e a impossibilidade de sustentação de todos os seus desejos, sejam estes voltados ao interesse pessoal ou ao bem-estar social. As atuais instituições incluem ou excluem aceleradamente os indivíduos nos ou de seus benefícios. As pessoas isolam-se, temendo perder privilégios ou com a possibilidade de não alcançá-los. Ódio, medo e violência tornam-se lógica dominante. As religiões são tentadas a proclamar mensagens que ofereçam soluções imediatas. O indivíduo resigna-se. A justiça de Deus: misericórdia? O ódio de Deus prossegue sendo uma realidade existencial e a compreensão de sua justiça amorosa uma experiência a ser feita. De que maneira comunicar esta graça? A resposta a estas perguntas se liga à necessidade de um despertar interior, de uma nova inclinação à Bíblia, no dizer de Wiese. A era moderna, levada ao extremo, fragmentou o ser humano, negando-o. Os seus mais autênticos desejos e necessidades foram fracionados; reflexo do pecado que o aprisiona, expressando-se de distintas maneiras. O Cristo que justifica o pecador existe somente como alguém que é *por nós* e que reconcilia a pessoa dividida; é uma proposta para a pessoa toda. Este evangelho é o que necessita ser proclamado, acompanhado por atos de paz e justiça de parte daqueles que são comprometidos com ele. E, estes que confessam a sua fé na justiça de Deus, devem também assumir a sua própria condição humana de imperfeição. O caminho de uma ética que promete o nascimento do “novo homem” por meio do cumprimento do dever, típico da modernidade, é um engano e vai chegando ao fim. O anúncio da justiça *de Deus*, do Cristo *por nós*, se apresenta como uma “contribuição” para a sociedade atual, iludida,

¹ Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST), professor no Mestrado Profissional e no Bacharel em Teologia (EaD) das Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR), Curitiba, PR – Brasil. Pós-Doutorado em Berlim, Alemanha, abril a novembro de 2010. Ênfase da pesquisa: neurociências e neurofilosofia. Grande área: Ciências Humanas/ Áreas: Filosofia e Teologia. Local da Pesquisa: Humboldt University of Berlin. Apoio: Dr. José Raimundo Facion. Bolsista da: Evangelische Kirche in Deutschland. Contato: gersonjf@hotmail.com. Este trabalho é uma versão ampliada da reação à palestra do professor Dr. Werner Wiese, apresentada no 3º Simpósio Internacional de Lutero (Curitiba, PR, 01.10.2014). A estrutura da referida reação é mantida.

desiludida e cansada. Aqui a pessoa encontra o sentido último de sua existência naquele que é Senhor sobre tudo e todos.

Palavras-chave: justiça de Deus, conversão, ódio e medo, violência e resignação, Cristo *por nós*.

ABSTRACT

The work here exposed is an amplified version of the reaction to Dr. Werner Wiese's lecture, presented in this issue under the same title. The interpretation of the theme of the justice of God by Martin Luther, as related in apostle Paul's letter to the Romans, reached the center of his existence. It was under this perspective that the lecturer evaluated it. The reformer's understanding of Romans 1.16-17 marks his conversion to Jesus Christ. It is evidently necessary to revisit the meaning of this term. Many modern theologies mistake it for righteous participation in the execution of a kind of justice that no longer belongs to God. For Luther, justice that stems from faith can only come *from God*. How can one contextualize the subject at hand? Before its discovery in Romans, justice was that which made God to be one who was just and punished the unjust. This had aroused hatred in Luther towards God. Where does this hatred manifest itself today, considering that the theme continues to be an existential one? The hyper-individual of today is torn between the affirmation and denial of the self; between the fulfillment of modern humanistic and social ideals and the impossibility of sustaining all of his desires, whether they be of personal interest or social wellbeing. Current institutions rapidly include or exclude individuals from their benefits. People isolate themselves, fearing the loss or the impossibility of reaching these privileges. Hatred, fear, and violence become dominant logic. Religions are attempts to proclaim messages that offer immediate solutions. The individual succumbs. The justice of God: mercy? Hatred towards God continues to be a reality of life and the understanding of His loving justice something to be experienced. How is grace to be communicated? The answer to this question is connected to the need for inner awakening and a different perspective of the Bible, according to Wiese. The modern era, taken to its extreme, has denied and fragmented the human being. The deepest needs and desires of the individual have been fractioned because of the sin that imprisons him. This is manifested in several different manners. Christ, who justifies the sinner, exists only as someone who is *in favor of* and reconciles the indebted individual; this is a proposition for the whole person. This is the gospel that needs to be proclaimed, followed by acts of peace and justice from those committed to it. Therefore, those who confess their faith in the justice of God should also accept their own human condition of imperfection. The way of values that promise the birth of a "new man" through the fulfillment of duty, typical of modern times, is deceitful and is reaching its end. The proclamation of the justice *of God* and of Christ *for us* is presented as a mere "contribution" to a modern society that is deceived, disillusioned and weary. Yet, the ultimate meaning of personal existence is found in Him who is Lord over everything and everyone.

Keywords: justice of God, conversion, hatred and fear, violence and resignation, Christ *for us*.

A interpretação feita pelo reformador Martim Lutero no século XVI da justiça de Deus na carta do apóstolo Paulo aos Romanos atinge o centro de sua existência pessoal. Esta é uma afirmação basilar da palestra apresentada pelo professor Dr. Werner Wiese nas três etapas do 3º Simpósio Internacional de Lutero (2014).² É interessante a observação de que, condicionada à maneira como a referida apropriação foi discutida e assimilada em distintos momentos da história da igreja e da teologia cristã, ao final contribuíram, em maior ou menor intensidade, para o surgimento de uma nova espécie

² A proposta da Faculdade Luterana de Teologia (FLT), em parceria com o Departamento de História Eclesiástica da Faculdade de Teologia da Universidade Friedrich Schiller, de Jena (Alemanha), é que estes Simpósios ocorram anualmente, em diferentes âmbitos e Sínodos da IECLB, até o ano de 2017, quando das comemorações dos 500 anos da Reforma.

de cativo; não no sentido mencionado na obra “Do Cativo Babilônico da Igreja”,³ porém, em um tipo de “cativo luterano”. É possível asseverar que ou o tema da justiça de Deus permanece um assunto existencial e a partir desta perspectiva é discutido, ou se degenera em dogma que escraviza. A justiça que justifica o pecador por graça e fé não pode ser corretamente assimilada quando tratada com base em um ponto de vista forense. A sua atualização permanente, na perspectiva de sua vivência pessoal e comunitária, é condição *sine qua non* para o seu tratamento. Prova disto é que o reformador ficou refém da carta de Romanos o resto da vida, enquanto seu estudioso.

Relacionada a esta nota existencial, merece destaque a metodologia de trabalho adotada pelo professor Wiese em sua palestra, em seu objetivo de resgatar a compreensão de Martin Lutero sobre o tema da justiça divina. Isto porque, em qualquer abordagem temática, esta jamais é neutra e, no caso de apropriação de fatos ocorridos, encontra-se ligada a determinado modelo de interpretação histórica pelo qual se opte, condicionando, desse modo, os resultados obtidos.

A palestra surpreendentemente se inicia com a menção à retrospectiva que o reformador escreveu em 1545 acerca dos eventos centrais relacionados com a sua vida de fé e dos acontecimentos que levaram à Reforma propriamente dita. Nela, Lutero discorre sobre sua compreensão do tema da justiça de Deus à luz da carta do apóstolo Paulo aos Romanos, especialmente o capítulo 1, versículo 17.⁴ E, com o mesmo objetivo em mente, Wiese traça paralelos, na sequência de sua abordagem, entre o que o reformador assimilou sobre o assunto na referida carta e em outros livros bíblicos comentados no decurso de sua vida,⁵ aproveitando-se, não por último, de afirmações expressas no *Prefácio à Epístola de S. Paulo aos Romanos* (1546).⁶ O alvo torna-se transparente: resgatar e discorrer sobre a compreensão de Lutero acerca da justiça de Deus em Romanos, sem afastar-se da já mencionada perspectiva existencial.⁷

O entendimento da passagem de Romanos 1.16-17 marca a conversão do reformador ao evangelho de Cristo, por mais que esta palavra e ideia possa soar incômoda nos dias atuais. Na passagem bíblica se menciona que a justiça de Deus é

³ Martin LUTERO. Do Cativo Babilônico da Igreja. In: *Obras Seleccionadas: o programa da Reforma: escritos de 1520*. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1989, v. 2, p. 341-424.

⁴ Martin LUTERO. Prefácio ao primeiro volume da edição completa dos escritos latinos. In: *Pelo Evangelho de Cristo*. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1984, p. 21-32.

⁵ Martin LUTERO. Os sete Salmos de Penitência. In: *Obras Seleccionadas: interpretação Bíblica. Princípios*. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 2003, v. 8, p. 493-548.

⁶ Martin LUTERO. Prefácio à Epístola de S. Paulo aos Romanos, 2003, v. 8, p. 129-141.

⁷ Para uma compreensão mais adequada da presente reação, ver a palestra editada no presente livro do professor Dr. Werner Wiese acerca do tema em pauta.

proposta no evangelho de Cristo, sendo atribuída ao ser humano passivamente, isto é, por meio da fé e não de obras meritórias. Ao redescobrir este sentido amplamente encoberto às pessoas de seu tempo, Lutero testemunha: “me senti como que renascido, e entrei pelos portões abertos do próprio paraíso”.⁸

Seria necessário, evidentemente, revisitar o sentido atribuído à conversão em teologias desenvolvidas na era moderna, oriundas de contextos de tradição cristã. É possível asseverar que muitas vezes estas a confundiram como participação humana ativa e meritória na consecução de uma justiça que, por isto mesmo, acaba não mais sendo de Deus e nem decorrente de fé. A ética do dever, de caráter acentuadamente moralista, não deixou de marcar, na prática, a tradição protestante e reformatória.⁹ Para Lutero, no entanto, a justiça que decorre da fé é *de Deus*, isto é, procede dele e precede às obras humanas: “...de acordo com Deus, a justiça precede às obras e estas resultam dela”.¹⁰ É a justiça que perdoa e justifica o pecador, que, em fé, a recebe como dádiva:

...passei a compreender a justiça de Deus como sendo uma justiça pela qual o justo vive através da dádiva de Deus, ou seja, da fé. Comecei a entender que o sentido é o seguinte: Através do evangelho é revelada a justiça de Deus, isto é, passiva, através da qual o Deus misericordioso nos justifica pela fé, como está escrito: “O justo viverá por fé.”¹¹

A conversão de Lutero, isto é, sua compreensão de que a justiça é atribuída por Deus ao ser humano, a boa nova anunciada no Evangelho de Jesus Cristo, recebida pela fé, foi para ele, por isto mesmo, uma experiência profundamente existencial. Esta lhe descortinou a dimensão do eterno, como expresso na já mencionada citação: “me senti como que renascido, e entrei pelos portões abertos do próprio paraíso”.¹² E, por assim se manifestar, é e permanece como mistério a ser renovado por intermédio do arrependimento e da fé dos justos, que com base na justiça de Deus procuram, diariamente, pautar suas vidas nesta confiança, como também deu a entender o apóstolo Paulo: “Ou desprezas a riqueza da sua bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento?”¹³

⁸ Martim LUTERO. Prefácio ao primeiro volume da edição completa dos escritos latinos, 1984, p. 30.

⁹ Gerson J. FISCHER. Paralelos e distinções entre ética filosófica e ética cristã. *Vox Scripturae*. Revista Teológica Brasileira, v. XIII, n. 1, p. 99-114, abril de 2006.

¹⁰ Martim LUTERO. A Epístola do Bem-aventurado Apóstolo Paulo aos Romanos, 2003, v. 8, p. 259.

¹¹ Martim LUTERO. Prefácio ao primeiro volume da edição completa dos escritos latinos, 1984, p. 30.

¹² Martim LUTERO. Prefácio ao primeiro volume da edição completa dos escritos latinos, 1984, p. 30.

¹³ BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada com reflexões de Lutero*. Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012, p. 1048. Romanos 2.4. A discussão sobre a experiência da justificação pela fé, da conversão, usando-se de um termo mais atual e contextual, necessita aliar-se à compreensão de

A presente reação à abordagem do professor Wiese sobre a compreensão da justiça de Deus em Romanos por Lutero indaga a respeito de uma possível contextualização, pessoal e social, do assunto apresentado. Para o reformador, antes de sua redescoberta da mensagem evangélica encontrada na carta do apóstolo Paulo, a justiça era aquela “segundo a qual Deus é justo e castiga os pecadores e injustos”.¹⁴ Esta, por mais que lhe fosse difícil admitir, suscitara nele o ódio:

Eu não amava o Deus justo, que pune os pecadores; ao contrário, eu o odiava. Mesmo quando, como monge, eu vivia de forma irrepreensível, perante Deus eu me sentia pecador, e minha consciência me torturava muito. Não ousava ter a esperança de que pudesse conciliar a Deus através de minha satisfação. E mesmo que não me indignasse, blasfemando em silêncio contra Deus, eu resmungava violentamente contra ele: Como se não bastasse que os míseros pecadores, perdidos para toda a eternidade por causa do pecado original, estivessem oprimidos por toda sorte de infelicidade através da lei do decálogo – deveria Deus ainda amontoar aflição sobre aflição através do evangelho, e ameaçá-los com sua justiça e sua ira também através do evangelho? Assim eu andava furioso e de consciência confusa.¹⁵

A noção de justiça punitiva de Lutero era compartilhada pelas pessoas de seu tempo, uma vez que amplamente assimilada na cultura religiosa predominante. A alternativa proposta pela Igreja Romana e que tinha por fim prometer o livramento do castigo de Deus rezava que as pessoas deveriam realizar boas obras que compensassem as más, aplacando-se desse modo a sua ira. Não é de admirar-se que esta ideia não se apresentava como solução para o problema e as pessoas mais conscientes e sensíveis, a exemplo do reformador, sabiam disto. O medo e o ódio a Deus caminhavam de “mãos dadas”.

É possível e necessário, à luz destas percepções, perguntar-se onde na atualidade se manifesta este ódio a Deus, considerando-se que o tema da justiça prossegue sendo uma discussão de cunho existencial. Ademais, o que significaria anunciar, hoje, justificação por graça e fé? Pode-se adentrar a esta reflexão pela consideração do lugar da pessoa nestes tempos de modernidade acelerada, também intitulada por distintos

Lutero sobre a natureza e o lugar do evangelho e do batismo. Para ele a tríade: evangelho, fé e batismo eram indissociáveis. No entanto, como provocação à preleção do professor Wiese, optou-se aqui levantar a necessária reflexão, para os dias atuais, sobre as similaridades e distinções do entendimento da justificação pela fé e da conversão.

¹⁴ Martim LUTERO. Prefácio ao primeiro volume da edição completa dos escritos latinos, 1984, p. 30.

¹⁵ Martim LUTERO. Prefácio ao primeiro volume da edição completa dos escritos latinos, 1984, p. 30.

pensadores como hipermoderna ou pós-moderna.¹⁶ O hiperindivíduo da presente era situa-se entre a sua afirmação e a sua negação, entre a plenificação dos ideais humanistas e sociais modernos e a impossibilidade de sustentação de todos os seus desejos, sejam estes voltados ao interesse pessoal ou ao bem-estar de determinada coletividade:

O excesso, de um lado, gera a falta de outro, tanto no que diz respeito ao encontro do tão desejado bem-estar social comum, como no que diz respeito à satisfação das mais legítimas necessidades da pessoa em particular. (.....) Ao passo que inúmeros bens de consumo são disponibilizados ao indivíduo, a segurança deste encontra-se ameaçada, diante das oscilações políticas e econômicas e da precariedade do trabalho. Amplos setores populacionais continuam marginalizados, enquanto que outros, ativos participantes da economia de mercado, experimentam a angústia diária de manter-se nele.¹⁷

A justiça de Deus: medo e ódio ou misericórdia e graça? As organizações sociais, políticas e econômicas nestes tempos de excesso incluem ou excluem os indivíduos nos ou de seus benefícios de modo ainda mais acelerado e acentuado do que o visto nos tempos modernos. As suas instituições reguladoras encontram-se situadas no limite de suas possibilidades; vivenciam estrangulamento e transbordamento, uma “porta aberta” para o bizarro aumento da corrupção. As pessoas, em estado de vulnerabilidade, deslumbram-se com o avanço da ciência e da tecnologia e isolam-se temendo perder privilégios obtidos ou com a possibilidade de nem mesmo alcançá-los. Ódio e violência são desdobramentos lógicos desta exacerbação, circunstâncias estas nas quais a pessoa oscila entre a sua afirmação e a sua negação. O que é justiça de Deus, nesta realidade e contexto espantosamente global?

As religiões de um modo geral, não por último a cristã, são tentadas a proclamar um Deus que ofereça solução imediata e miraculosa a esta situação avassaladora e desesperadora. E se os apelos religiosos à consciência humana frustrarem? O indivíduo hipermoderno oscila entre o ódio e a resignação. Onde encontrar um Deus gracioso e misericordioso? O ódio de Deus prossegue sendo uma realidade existencial e a compreensão de sua justiça uma experiência a ser descoberta.

¹⁶ Àngel CASTIÑEIRA. *A experiência de Deus na pós-modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1997; Gilles LIPOVETSKY e Sébastien CHARLES. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004; Zygmunt BAUMAN. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

¹⁷ Gerson Joni FISCHER. A liberdade cristã em um século de negação do sujeito: por uma paternidade social responsável. In: SCHWAMBACH, Claus (ed). *Lutero e Educação*. Anais do 1º Simpósio Internacional de Lutero. Igreja sempre em reforma – 2017: 500 anos da Reforma. São Bento do Sul/SC: FLT – Faculdade Luterana de Teologia e Editora União Cristã, 2013, p. 154.

“O século 21 pode ser definido como o século do vazio.”

“Cada um busca preencher este vazio como pode: uns criam, já outros correm atrás das drogas, dos alimentos e dos objetos que nunca satisfazem seus desejos.”

“Os tempos são de desconstrução das verdades totalizantes.”

“Há ainda um processo de luto pela perda das ilusões de um homem novo.”

“Há um desconcerto dos pensadores diante de um futuro em constante mutação.”

“Estamos globalizados e fragmentados, à procura de um norte inexistente.”

“É no meio dessa falta de rumos que as depressões crescem.”

“A juventude vive a angustiante luta de inserção na economia”.¹⁸

Qual seria, levando-se em consideração esta realidade, o papel dos cristãos e da igreja em comunicar o evangelho da graciosa e misericordiosa justiça de Deus? O que seria entrar “pelos portões abertos do próprio paraíso” hoje?¹⁹ De que maneira auxiliar pessoas a se expressarem de modo idêntico a Lutero em seu tempo, ao descortinar o sentido da expressão justiça de Deus: “Assim como antes eu havia odiado violentamente a frase ‘justiça de Deus’, com igual intensidade de amor eu agora a estimava como a mais querida”?²⁰ A “justiça com a qual Deus nos veste ao nos justificar”.²¹

A resposta a estas perguntas se liga à necessidade de se incentivar um despertar interior, um novo impulso e inclinação à Bíblia, no dizer de Wiese. No que se relaciona à compreensão da Bíblia, não se estaria vivenciando hoje mais outra espécie de cativeiro, além dos já mencionados? Este poderia ser intitulado de “cativeiro da modernidade”, que dualizou o ser humano, dividindo-o e o fragmentando e, por fim, negando-o, como vem ocorrendo nestes tempos hipermodernos. Afinal, o Cristo do evangelho, da Bíblia, que justifica o pecador, existe somente como alguém que é *por nós*. Tal corresponde à afirmação de que a justiça de Deus só poderá ser compreendida na medida em que for assimilada existencialmente. Não há acesso a um Cristo objeto de uma racionalidade do tipo moderna. A justificação por graça e fê, anunciada nas Escrituras Sagradas e no transcorrer dos séculos pela igreja cristã, é aquela que reconcilia a pessoa que foi dividida. É o evangelho para a pessoa toda, corpo, alma e espírito.

Na modernidade, ao extremo na hipermodernidade, a pessoa é transformada em indivíduo, é fragmentada. Os seus mais autênticos desejos e necessidades são

¹⁸ Abrão SLAVUTZKY. O desafio do vazio. In: *Zero Hora*, 30.06.2012, p. 17.

¹⁹ Martim LUTERO. Prefácio ao primeiro volume da edição completa dos escritos latinos, 1984, p. 30.

²⁰ Martim LUTERO. Prefácio ao primeiro volume da edição completa dos escritos latinos, 1984, p. 31.

²¹ Martim LUTERO. Prefácio ao primeiro volume da edição completa dos escritos latinos, 1984, p. 31.

fracionados; reflexo do pecado que o aprisiona, sempre de novo se expressando em distintas organizações e manifestações sociais. O corpo sem a alma ou a alma sem o corpo impedem que se compreenda a justiça de Deus. A justificação por graça e fé é uma experiência que faz o indivíduo se descobrir pessoa, em meio a uma realidade que o nega em sua integralidade. É redirecionamento de desejos e ânimo diante das incertezas. Este evangelho do Cristo *por nós* é o que necessita ser proclamado, acompanhado por atos de paz e justiça de todos os que se entendem comprometidos com o mesmo. Entende-se, em meio a esta discussão, a constatação de Anselm Grün:

Um sentimento básico de nossa época parece-me ser a fragmentação. Muitas pessoas sentem-se internamente fragmentadas. (.....) Não têm mais tranquilidade interior. (.....). Sua alma não as acompanha mais. Não está onde o corpo precisa estar para cumprir todas as suas obrigações.²²

Especial atenção, em meio a esta reflexão, poderia ser dada à sugestiva tradução da Nova Versão Internacional (NVI) da Bíblia a Ezequiel 11.19: “Darei a eles um coração não dividido e porei um novo espírito dentro deles; retirarei deles o coração de pedra e lhes darei um coração de carne.”²³

A compreensão do pecado por Lutero, inspirada em suas leituras de Salmos e mencionada por Wiese em sua palestra como uma orientação do ser humano na contramão de Deus, se apresenta como uma “outra porta de entrada” para a contextualização da expressão justiça de Deus encontrada na carta aos Romanos. O homem e a mulher dos tempos hodiernos apresentam sinais de cansaço com a sentenciosa ética moderna do dever, com seus ideais de perfeição. Os que confessam a fé, de modo especial, necessitam assumir a sua própria condição, isto é, de sua permanente inclinação à maldade. Na direção deste pensamento, corrobora a constatação de Robles que os consultórios psicológicos e psiquiátricos enchem-se de pessoas que não sabem como lidar com sua própria violência: “o homem moderno tornou-se tão cético e inseguro dos valores, que já não consegue mais se perceber como um lutador contra o mal e em favor do bem”.²⁴

²² Anselm GRÜN. *O ser fragmentado: da cisão à integração*. 3. Ed. Aparecida: Ideias & Letras, 2004, p. 7.

²³ BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada: nova versão internacional*. Traduzido pela comissão de tradução da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Vida, p. 663.

²⁴ Deusa Rita Tardelli ROBLES. A ética do cuidar na contemporaneidade. *Revista Psicoteologia*, São Paulo, ano XXI, n. 53, p. 31, 2º semestre de 2013.

O caminho da justiça externa, isto é, das obras meritórias, de uma ética que promete o nascimento do “novo homem” por meio do cumprimento do dever, vem se revelando um engano existencialista. O ser humano da pós-modernidade não mais é tão confiante de si mesmo. Esta terrível constatação abre portas a um sem número de violações dos direitos humanos. As discussões sobre onde encontrar uma base ética mínima que gere consenso social e possibilidade de convivência humana ainda são insipientes. O anúncio de uma justiça *de Deus*, do Cristo *por nós*, se apresenta como uma “contribuição” do evangelho à sociedade atual. Aqui a pessoa encontra o sentido de sua existência *fora* dela mesma, ainda que não sem ela, ou seja, naquele que é Senhor sobre tudo e todos (Efésios 2.20-23). Harold Segura assim descreve o que aqui se procura afirmar:

Apenas sobre quem desceu. Somente se agarra na graça quem reconhece a profundidade de seu pecado e se declara incapaz de redimir-se a si mesmo. Então não há espaço para vanglória. Esta é uma espiritualidade que parte da incapacidade humana, e, daí, corre para Deus como único consolo. Não há lugar para a auto-suficiência dos sistemas religiosos que prometem a auto-salvação por meio do sacrifício. Igualmente não resta lugar para a fé arrogante, que despreza o caído e marginaliza o pecador. Jesus, por sua graça, nos libertou para proteger, e não para marginalizar, para incluir, e não desprezar, para amar sem exigências hipócritas de perfeição. Em sua graça, somos livres para abraçar a todos igualmente, *‘pois todos pecaram’* (Rm 3.23), e para acolher nossa própria humanidade, pecadora, porém redimida pela graça de Cristo: *‘o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor’* (Rm 6.23).”²⁵

Ao fim da presente reação à palestra do professor Wiese mantém-se a indagação: Que lugar há hoje para uma leitura teológica-existencial da Bíblia, de um anúncio da justiça de Deus enquanto ação que justifica, em Cristo, todo aquele que crê? A leitura da carta do apóstolo Paulo aos Romanos, para Lutero, se apresentava como um convite para a meditação na Bíblia como um todo, como “pão diário para a alma”, “um resumo de toda a doutrina cristã evangélica”, conforme expressões usadas pelo preletor. De que maneira esta percepção do evangelho integral, de parte do reformador, poderia inspirar a teologia e o fazer da igreja cristã hoje? A leitura da Bíblia somente pode ser feita enquanto vinculada com a vida e não há imersão nas Escrituras que não redunde na construção de um perfil de personalidade e de reforma permanente. No que se refere à justiça de Deus, tudo o que passa disto tem cheiro de morte.

²⁵ Harold C. SEGURA. *Além da utopia: liderança servidora e espiritualidade cristã*. Curitiba: Encontro, 2007, p. 151.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada com reflexões de Lutero*. Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada: nova versão internacional*. Traduzido pela comissão de tradução da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Vida, 2000.
- CASTIÑEIRA, Àngel. *A experiência de Deus na pós-modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- FISCHER, Gerson Joni. A liberdade cristã em um século de negação do sujeito: por uma paternidade social responsável. In: SCHWAMBACH, Claus (ed). *Lutero e Educação*. Anais do 1º Simpósio Internacional de Lutero. Igreja sempre em reforma – 2017: 500 anos da Reforma. São Bento do Sul/SC: FLT – Faculdade Luterana de Teologia e Editora União Cristã, 2013, p. 149-188.
- FISCHER, Gerson J. Paralelos e distinções entre ética filosófica e ética cristã. *Vox Scripturae*. Revista Teológica Brasileira, v. XIII, n. 1, p. 99-114, abril de 2006.
- GRÜN, Anselm. *O ser fragmentado: da cisão à integração*. 3. Ed. Aparecida: Ideias & Letras, 2004.
- LIPOVETSKY, Gilles e CHARLES, Sébastien. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- LUTERO, Martim. A Epístola do Bem-aventurado Apóstolo Paulo aos Romanos, In: *Obras Seleccionadas: interpretação Bíblica*. Princípios. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 2003, v. 8, p. 235-330.
- LUTERO, Martim. Do Cativoiro Babilônico da Igreja. In: *Obras Seleccionadas: o programa da Reforma: escritos de 1520*. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1989, v. 2, p. 341-424.
- LUTERO, Martim. Os sete Salmos de Penitência. In: *Obras Seleccionadas: interpretação Bíblica*. Princípios. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 2003, v. 8, p. 493-548.
- LUTERO, Martim. Prefácio à Epístola de S. Paulo aos Romanos. In: *Obras Seleccionadas: interpretação Bíblica*. Princípios. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 2003, v. 8, p. 129-141.
- LUTERO, Martim. Prefácio ao primeiro volume da edição completa dos escritos latinos. In: *Pelo Evangelho de Cristo*. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1984, p. 21-32.

ROBLES, Deusa Rita Tardelli. A ética do cuidar na contemporaneidade. *Revista Psicoteologia*, São Paulo, Ano XXI, n. 53, p. 29-34, 2º semestre de 2013.

SEGURA, Harold C. *Além da utopia: liderança servidora e espiritualidade cristã*. Curitiba: Encontro, 2007.

SLAVUTZKY, Abrão. O desafio do vazio. In: *Zero Hora*, 30.06.2012, p. 17.